



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

ALLAN ANTÔNIO SANTOS SILVA

**O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VIDA DO
ALUNO COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE
(TDAH): UMA REVISÃO DE LITERATURA**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

ALLAN ANTÔNIO SANTOS SILVA

**O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VIDA DO
ALUNO COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE
(TDAH): UMA REVISÃO DE LITERATURA**

TCC apresentado ao Curso de Educação Física
Licenciatura da Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como
requisito para a obtenção do título de Licenciado
em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Lara Colognese
Helegda

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Allan Antônio Santos.

O papel do professor de educação física escolar na vida do aluno com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (tdah): uma revisão de literatura / Allan Antônio Santos Silva. - Vitória de Santo Antão, 2023. 27, tab.

Orientadora: Lara Colognese Helegda
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Educação Física - Licenciatura, 2023.

1. Educação Física. 2. Escola. 3. TDAH. . I. Helegda, Lara Colognese. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

ALLAN ANTÔNIO SANTOS SILVA

**O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA VIDA DO
ALUNO COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE
(TDAH): UMA REVISÃO DE LITERATURA**

TCC apresentado ao Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 27/03/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lara Colognese Helegda (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Ma. Alessandra Maria dos Santos
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Saulo Fernandes Melo de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um distúrbio neurológico que pode ser causado por fatores hereditários, que se manifesta ainda na infância e comumente segue com o indivíduo pelo resto de sua vida, sendo caracterizado por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Esse distúrbio neurológico afeta na média de 3 a 5% das crianças (ABDA, 2023), todavia algumas pesquisas constataam que esse número pode ser bem maior, atingindo até valores de dois dígitos em comunidades de maior vulnerabilidade. Esse trabalho teve como objetivo conscientizar os professores de educação física escolar sobre o seu papel no aprendizado e no desenvolvimento social e motor na vida dos estudantes com TDAH. Isto, devido algumas dificuldades que os estudantes com TDAH possuem no ambiente escolar, desde a questão estrutural como, também, na questão de sua adaptação às metodologias aplicadas pelos docentes. Para a elaboração desta revisão, foram analisados ao todo 21 artigos, livros, e sites, que foram encontrados por meio das plataformas Google Acadêmico e Scielo, com data de publicação e/ou atualização entre os anos de 2000 e 2023. O docente tem papel fundamental no acolhimento do aluno em sala de aula, sem excluí-lo apesar de adversidades apresentadas, o tratando sempre que necessário de maneira positiva, o acolhendo e estimulando a sua atenção durante as aulas, e incentivando a sua busca constante em aprimorar suas habilidades, tornando o seu aprendizado mais prazeroso (SILVA, 2014). Giacomini et al. (2006) acredita que é possível indivíduos que possuam TDAH venham eventualmente adquirir destaque em áreas a que tenha interesse. Logo, eles necessitam apenas de um impulso, uma ideia, um norteamento para serem capazes de enxergar para onde querem seguir e o que precisam fazer. Neste ponto, cabe ao professor de educação física selecionar através do conteúdo aplicado e dos recursos de espaço e materiais disponíveis, quais atividades serão utilizadas e de qual forma elas serão aplicadas para que os seus alunos mantenham-se engajados em suas aulas e adquiram o melhor aprendizado possível em sua disciplina.

Palavras-chave: educação física; escola; TDAH.

ABSTRACT

Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is a neurological disorder that can be caused by hereditary factors, which manifests itself in childhood and commonly remains with the individual for the rest of his life, being characterized by symptoms of inattention, restlessness and impulsivity. This neurological disorder affects an average of 3 to 5% of children (ABDA, 2023), however some studies show that this number can be much higher, reaching even two-digit values in more vulnerable communities. This work aimed to make school physical education teachers aware of their role in learning and social and motor development in the lives of students with ADHD. This is due to some difficulties that students with ADHD have in the school environment, from the structural issue as well as the issue of their adaptation to the methodologies applied by teachers. For the elaboration of this review, a total of 21 articles, books, and websites were analyzed, which were found through the Google Scholar and Scielo platforms, with publication date and/or update between the years 2000 and 2023. The teacher has a role fundamental in welcoming the student in the classroom, without excluding him despite the adversities presented, treating him whenever necessary in a positive way, welcoming him and stimulating his attention during classes, and encouraging his constant search to improve his skills, making your learning more pleasurable (SILVA, 2014). Giacomini et al. (2006) believes that it is possible for individuals with ADHD to eventually acquire prominence in areas in which they are interested. Soon, they just need an impulse, an idea, a guideline to be able to see where they want to go and what they need to do. At this point, it is up to the physical education teacher to select, through the applied content and the resources of space and materials available, which activities will be used and how they will be applied so that their students remain engaged in their classes and acquire the best possible learning in your discipline.

Keywords: physical education; school; ADHD.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3 OBJETIVOS	13
3.1 Objetivo geral.....	13
3.2 Objetivo específico	13
4 METODOLOGIA	14
5 RESULTADOS	15
6 PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. ...	18
7 SOBRE A ABORDAGEM METODOLÓGICA UTILIZADA PELO PROFESSOR..	23
8 CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Mendes (2006), quando uma criança recém ingressa na escola exibe problemas de comportamentos ou problemas disciplinares, é comum que deixemos ou até a levemos à sala da diretoria, para aplicar-lhe alguma forma de punição ou de suspensão. A causa desse problema, por vezes, acaba por ser ignorado por muitos professores nas escolas, que não demonstram interesse, por diversas razões, em procurar se existe alguma correlação a algum fator familiar, nutricional ou psicológico. Dentre os fatores psicológicos, está a relação do diferente desenvolvimento cerebral da criança, podendo ser ocasionado por algum transtorno mental, como por exemplo o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um distúrbio neurológico que pode ser causado por fatores hereditários, que se manifesta ainda na infância e comumente segue com o indivíduo pelo resto de sua vida, sendo caracterizado por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade (SANTOS, 2019; ABDA, 2023). Essa impulsividade se caracteriza por uma ação onde a criança não possui o controle de seus estímulos e simplesmente faz o que lhe vem em mente, assim se envolvendo diversas vezes em brigas com outras crianças de sua faixa de idade quando estão frustradas (SILVA et al., 2021).

Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) (2023), os jovens que possuem TDAH, além de impulsivos, têm demasiada dificuldade em planejar e executar tarefas, e também possuem dificuldades em expressar seus pensamentos, parecendo que sua comunicação e ações sempre estão inferiores ao esperado pela sua capacidade intelectual, mesmo que nem sempre essas dificuldades se apresentem em suas notas na escola. Quando ocorre desatenção nas provas, são perceptíveis os erros gramaticais.

Piana et al. (2015) complementa que o TDAH por vezes passa despercebido pela visão dos pais e as crianças são observadas com essa condição com maior frequência apenas quando inicia a vida escolar, já que na escola as crianças precisam de obter uma maior atividade cognitiva por um maior período de tempo se comparado ao seu tempo de lazer. Além desse fato, outra coisa que é notada é que as crianças na escola ficam bastante inquietas e possuem dificuldades de obedecer as regras e os espaços estruturais impostos pelo ambiente escolar, graças a sua condição de hiperatividade motora e/ou cognitiva.

Com essas informações elucidadas acima, este estudo teve como objetivo conscientizar os professores de educação física escolar sobre o seu papel no aprendizado e no desenvolvimento social e motor na vida dos estudantes com TDAH. Isto, vinculada a questão estrutural como, também, na questão de sua adaptação às metodologias aplicadas pelos docentes

buscando seu papel no aprendizado e no desenvolvimento social e motor na vida dos estudantes com TDAH.

Graças ao baixo número de informações acerca deste distúrbio por parte dos pais, professores e gestores, além do número de estudantes diagnosticados aumentarem todos os anos, este estudo possui importante relevância na compreensão de como ajudar as crianças e os adolescentes que possuem o transtorno.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O TDAH é um transtorno que ainda possui pouco tempo que fora descoberto pela ciência, sendo que as primeiras referências relacionadas à distúrbios hipercinéticos foram aparecer somente no final do século XVIII (SILVA et al., 2021). Na década de 1940, apareceu pela primeira vez a nomenclatura “lesão cerebral mínima”, que alguns anos fora renomeada para “disfunção cerebral mínima”. Essa segunda denominação ocorreu porquê se percebeu que a causa do transtorno está mais relacionado a disfunções nas vias nervosas do que lesões nestas mesmas vias (ROHDE et al., 2000).

Porém, ainda nos anos 60, alguns autores relacionavam a hiperatividade à síndrome de Strauss (SILVA JÚNIOR et al., 2013). Outras nomenclaturas para a síndrome após certo tempo também foram: Distúrbio orgânico de comportamento, Dano Cerebral Mínimo, Encefalite letárgica, Disfunção cerebral mínima, Hiperinesia, Doença do Déficit de Atenção, Reação hipercinética da infância, Déficit do Controle Moral, Síndrome da Inquietude e Reação Hiperkinética da Infância (BRZOZOWSKI, 2009; SANTOS, 2007; PEREIRA, et al., 2005; SILVA et al., 2021).

Apenas em 1980, o distúrbio recebeu o nome de Transtorno de Déficit de Atenção, através da publicação da terceira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), onde ainda se dividia como TDA com hiperatividade e TDA sem hiperatividade. Apenas com a chegada do DSM-IV, em 1994, o transtorno fora finalmente nomeado como TDAH, nomenclatura a qual conhecemos hoje (SILVA JÚNIOR et al., 2013).

De acordo com Giacomini et al. (2006) o diagnóstico do TDAH é efetuado por meio de exames clínicos, sendo avaliada a presença de características comportamentais que se relacionam com impulsividade, distratibilidade e hiperatividade, que aparecem por no mínimo um período de seis meses e em frequência e intensidade maiores quando comparada com outras crianças que estão na mesma faixa etária e em condições socioculturais semelhantes.

O TDAH é mais comum de ser diagnosticado inicialmente em crianças no início da fase escolar, já que apenas nessa fase é observada a dificuldade dos estudantes na escola relacionados aos problemas causados pela hiperatividade e pela distração constante dos indivíduos em questão (PEREIRA et al., 2005). Pelos sintomas apresentados de desatenção e inquietação motora, o TDAH pode trazer obstáculos em três áreas na vida dos indivíduos que o possuem: Na relação familiar, na escola e no aspecto social (SANTOS, 2007).

Esse transtorno se origina em uma condição orgânica, e está relacionado a uma zona cerebral denominada lobo frontal. Essa região é responsável pela inibição de comportamentos

inadequados e impulsivos. Quando esta zona cortical tem seu funcionamento comprometido, o indivíduo passa a apresentar uma série de dificuldades, dentre elas a de focar a atenção, o autocontrole, a memória, a organização e o planejamento de ideias. O TDAH é resultado de uma alteração no funcionamento do sistema neurobiológico cerebral, causado por alterações nos neurotransmissores cerebrais, como a dopamina e noradrenalina, no interior do sistema nervoso central, que por consequência atrapalham a comunicação entre os neurônios (ABDA, 2023; GIACOMINI, 2006).

Todas as pessoas em algum momento da vida podem apresentar sintomas de hiperatividade e de déficit de atenção, porém nos indivíduos que possuem essa condição ocorre um aumento significativo dessas características, tanto em intensidade como em frequência, o que pesa negativamente quando se vai realizar suas atividades cotidianas. Esse transtorno pode se apresentar ainda nos diagnosticados em diferentes graus, de mais leve a casos mais severos (ABDA, 2023).

Esse distúrbio neurológico afeta na média de 3 a 5% das crianças (ABDA, 2023), todavia algumas pesquisas constataam que esse número pode ser bem maior, atingindo até valores de dois dígitos em comunidades de maior vulnerabilidade, como verificam alguns autores. Esse transtorno por vezes prossegue na vida dos indivíduos até a idade adulta (VASCONCELOS et al., 2003), com uma taxa próxima a 60% dos casos permanecendo até essa faixa etária (ABDA, 2023). Piana et al. (2015), menciona que a proporção de crianças com TDAH é maior em meninos do que em meninas, com cerca de 75% meninos e 25% meninas, onde os meninos são comumente diagnosticados com o tipo combinado, enquanto nas meninas têm maior frequência o tipo desatento.

O DSM-V, publicado em 2013, se trata de um compilado de estudos de diversos autores da associação de psiquiatria americana ao longo da história, sobre os diferentes tipos de transtornos mentais existentes. Segundo neste consta, para o diagnóstico do TDAH deve-se levar em consideração que os principais sintomas devem aparecer pelo menos até os dezessete anos de idade, em pelo menos dois lugares diferentes em que frequentou. Somando-se a isso, é necessário o aparecimento de no mínimo seis sintomas dentre os dezoito apresentados nos tópicos de desatenção, hiperatividade, e/ou impulsividade. A utilização do DSM-V permite coletar informações importantes de pessoas diagnosticadas, e junto a isso, suas informações servem de base para identificar outros possíveis casos – não descartando a presença de um profissional de psicologia para isso – e a maneira correta de como agir diante eles (ARAÚJO et al., 2014).

Rohde et al. (2000) acrescenta que diagnósticos realizados após os sete anos de idade não sejam descartados, pois algumas crianças apresentam sintomas um pouco mais tardios, uma vez que fatores como a idade maturacional, o ambiente que a criança está situada, e a relação afetiva e/ou social dela com a família e amigos possa interferir na aparição dos primeiros sintomas.

É muito comum que haja diagnósticos tardios seguindo os mesmos parâmetros, quando os indivíduos já estão com uma idade bastante avançada, como na adolescência ou até podendo ser na vida adulta. Por conta da má informação dos pais e professores sobre a causa e até mesmo a existência do transtorno, muitos estudantes acabam por não saber do porquê se comportarem de maneira diferente de pessoas de sua idade, e do porquê possuem maior dificuldade em conseguir se concentrar ou estudar.

Os diagnósticos desse distúrbio efetuados na adolescência são significativamente menores se levado em consideração aos que são realizados na infância. Um dos motivos para que isso ocorra é que nessa fase os jovens começam a ter mais disciplinas na escola e um maior rodízio de professores os acompanhando em sala de aula, vendo os professores bem menos vezes na semana, e por consequência disso, estes não conseguem observar e suspeitarem de que algum(a) aluno(a) em questão que possua algum distúrbio que interfira em seu aprendizado ou em sua vida cotidiana. (ROHDE et al., 2000)

Outro fator agregado a dificuldade em se identificar diagnósticos de TDAH, está relacionado a nossa prática cultural em não costumar ir em Hospitais, UBS's e clínicas, exceto se já estiver muito doente. A população brasileira não possui o hábito de prevenir doenças, e sim de “remediá-las”, buscando a cura ou a reabilitação de casos, quando o quadro já está ligeiramente avançado. E como consequência, isso também acontece nos casos de transtornos mentais (ROEDER, 1999).

Outro evento importante que vale ressaltar, é que por vezes, o TDAH costuma vir acompanhado de algum outro distúrbio. Esse fator, é denominado “comorbidade”. Moreira et al. (2009) define comorbidade quando ocorre dois ou mais transtornos num indivíduo, o que acontece em cerca de 30% a 50% dos casos de indivíduos com TDAH. Algumas das comorbidades mais frequentes relacionadas ao TDAH são o transtorno desafiador de oposição (TDO), transtorno de conduta (TC), transtorno de humor bipolar, transtorno de tiques (TT). Rohde et al. (2000) também cita outras comorbidades juntas ao TDAH, como a ansiedade, a depressão e alguns transtornos de aprendizagem.

Segundo Giacomini et al. (2006), à procedência patológica do TDAH, ainda é desconhecida no ramo acadêmico, e acredita-se que pode ser causados por fatores genéticos,

neurobiológicos e/ou fatores externos, chegando a interferir na vida de crianças, adolescentes e adultos, possuindo diferentes intensidades desde sintomas leves a sintomas mais graves, causados por características de distratibilidade, hiperatividade e/ou impulsividade. As crianças com TDAH tem extrema dificuldade em seletar estímulos e por isso, costumam ficar em constante inquietação, sempre se distraindo e se movimentando em momentos inapropriados (SILVA, 2014).

Em uma análise de diversos artigos, Hora et al. (2015) identificou que há uma prevalência de indivíduos que possuem TDAH em famílias de baixa renda, em relação a indivíduos de famílias que possuem melhor nível socioeconômico. Outro aspecto verificado foi do maior número de reprovações em estudantes que possuem TDAH em relação aos que não possuem, além dos estudantes com o transtorno também apresentar maiores comportamentos de desobediência, irritabilidade, e condutas antissociais.

Quanto a vida escolar, os estudantes com TDAH são mais ansiosos e se sentem mais cobrados em relação aos estudantes neurotípicos, passam por impasses pra completar atividades e para compreender o que o professor está dizendo em sala, pois está constantemente disperso em sua mente com pequenos estímulos proporcionados pelo ambiente, sejam sons, movimentos incomum de outros – já que seu cérebro está sempre procurando novidades (estímulos) – indo com sua mente a “universos paralelos”, e pelo mesmo motivo, tendem a ser mais criativos que os demais quando conseguem por fim se concentrar (SILVA, 2003).

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Auxiliar os professores de educação física escolar na compreensão de seu papel no aprendizado e no desenvolvimento social e motor na vida dos estudantes com TDAH.

3.2 Objetivo específico

Analisar as diferentes sugestões de métodos que possam ser utilizados por professores e gestores para melhorar o aprendizado cognitivo e motor do aluno com TDAH.

4 METODOLOGIA

Esse seguinte trabalho trata-se de uma revisão de literatura de um compilado de vários estudos científicos. Para a elaboração desta revisão, foram analisados ao todo 21 artigos, livros, e sites, que foram encontrados por meio das plataformas Google Acadêmico e Scielo, com data de publicação e/ou atualização entre os anos de 2000 e 2023. As palavras-chave utilizadas para a elaboração desse estudo foram: Educação Física, Escola, TDAH.

5 RESULTADOS

No estudo de Silva Júnior et al. (2013), fora observado que indivíduos com TDAH possuem muitas desvantagens em relação a indivíduos sem o distúrbio, como uma habitual falta de atenção, um desempenho escolar baixo, uma extroversão exagerada, comportamentos agressivos, inaptidão em concluir tarefas, déficit de memória, dislexia, maior chance de sair de salas de aula, déficit de equilíbrio corporal, coordenação motora reduzida, padrões de movimentos arrítmicos, dentre outros. Silva et al. (2021) acrescenta que o transtorno interfere ainda no aprendizado cognitivo e social dos indivíduos, seja em jovens ou até mesmo em adultos.

Além disso, Rohde et al. (2000) apontou outros problemas causados pelo distúrbio que possuem grande impacto na sociedade, como o alto custo financeiro para o seu tratamento, o estresse das famílias, os danos causados na vida escolar e na autoestima, e somado a isso um grande risco de desenvolver doenças psiquiátricas ainda na juventude.

Segundo Mendes (2006), crianças que possuem o transtorno apresentam maior dificuldade escolar, têm maior possibilidade em sofrer acidentes mais graves, e maiores chance de desenvolver outros transtornos como a ansiedade e a depressão, se comparado a crianças neurotípicas. Juntamente a isso, o mesmo autor complementa que o TDAH ainda traz diversos impasses na vida familiar e social na vida dos indivíduos que o possuem.

Os indivíduos com TDAH na fase adulta, se não orientados direito, tem maiores probabilidades também de ficarem dependentes a álcool e drogas ilícitas, maiores chances de estarem envolvidos em acidentes de trânsito, maiores chances de terem relacionamentos amorosos mal resolvidos e maior taxa de abandono escolar (ABDA, 2023). Por isso, é de vital importância se cuidar da saúde mental dos alunos com distúrbios mentais, para que estes estudantes ao crescer venham ter resultados positivos na construção de nossa sociedade, e tenham também resultados positivos no convívio com suas famílias (SILVA et al., 2021).

Ainda na época escolar, outra característica do distúrbio em crianças e adolescentes está na sobrecarga que estes sentem em realizar tarefas diárias que lhes sejam complexas, e por isso possuem atrasos em conseguir concluir atividades escolares, comumente as abandonando na metade para fazer outra coisa de seu interesse e adiando seus prazos de entrega, e por essa questão o TDAH costuma ser percebido na vida do indivíduo apenas no seu ingresso escolar. Por este mesmo motivo, jovens que têm a condição costumam apresentar instabilidade em seus boletins, tendo facilidade em algumas épocas e/ou disciplinas e indo mal em outras (SILVA, 2003).

Giacomini et al. (2006), cita que os alunos com TDAH possuem maior dificuldades em relação aos alunos que não tem o déficit, pois normalmente os alunos com TDAH costumam enfrentar maiores críticas de outras pessoas em relação aos demais, e com isso, há um aumento em suas próprias frustrações, por se sentirem incapazes de realizarem ações que para a maioria, são mais fáceis de se fazer. Com isso, pessoas com TDAH apresentam maiores chances – em relação aos demais – de apresentarem problemas de autoestima e de depressão.

Ou seja, não é apenas o problema de concentração que afeta o cotidiano de um indivíduo com TDAH, e sim a ocorrência de diversos sintomas e situações apresentadas no decorrer da vida somadas ao fator da dificuldade de atenção, pois fatores como baixa autoestima, stress e cansaço podem dificultar o seu foco para atividades com maior complexidade. Por isso, é bastante visível que esses alunos precisam de um maior auxílio por parte dos professores durante as aulas, para que assim não fiquem atrasados ou com um menor conhecimento adquirido que os outros alunos.

Além desse fato, o docente tem papel fundamental no acolhimento do aluno em sala de aula, sem excluí-lo apesar de adversidades apresentadas, o tratando sempre que necessário de maneira positiva, o acolhendo e estimulando a sua atenção durante as aulas, e incentivando a sua busca constante em aprimorar suas habilidades, tornando o seu aprendizado mais prazeroso (SILVA, 2014).

Nesse sentido, emerge a importância do professor de educação física escolar na parte do desenvolvimento cognitivo, social e motor do aluno com TDAH, pois o professor além de ter um contato primário com estes estudantes em relação a outros profissionais de saúde, podendo fazer encaminhamentos caso haja suspeita de algo incomum, pode criar também estratégias de ensino para adaptar suas aulas a esses estudantes, permitindo que estes alunos consigam avançar em seu processo de aprendizagem, e que haja inclusão destes no meio escolar (SILVA et al., 2021).

Ainda nesse mesmo preceito, devemos lembrar que por conta da realidade financeira de muitas famílias brasileiras, os professores das séries iniciais em grande parte das vezes passam mais tempo com as crianças que os próprios pais, já que estes estão em suas longas jornadas de trabalho diário. Somado a este ponto, muitas vezes os pais e os jovens já chegam cansados em suas casas no fim do dia, e por este motivo os pais incentivam seus filhos a ficarem mais “isolados” em aparelhos eletrônicos, o que faz com que o diálogo nos lares não ocorram com tanta frequência. Por esta questão, reforça-se a importância do docente em verificar possíveis dificuldades apresentadas por seus alunos na escola, e pensar em meios de como ajudá-los (SILVA et al., 2021).

Também por essa razão, Mendes et al. (2006), compreende que o tratamento do TDAH deve ser um trabalho multidisciplinar entre psicólogos e médicos, e junto a isso, é necessária uma comunicação mais próxima com a escola, com os professores e com os pais dos estudantes. Os professores jamais deveriam se acomodar em auxiliar seus alunos, apesar da dificuldade por estes apresentada, causado por sua inquietação constante, e apesar de atrapalhar a atenção também dos estudantes neurotípicos. O discente deve sempre estar em constante busca de conhecimento sobre transtornos mentais, e precisa entender que os estudantes com TDAH precisam que este tenha bastante calma e paciência para ensiná-los, pois eles demandam de tempo pra conseguir acompanhar os demais.

Além disso, Mendes et al. (2006) acrescenta que para melhorar as aulas para os estudantes com o TDAH, deve-se acontecer uma maior capacitação por parte dos professores de educação física (com abordagem ao assunto de transtornos mentais desde a universidade, além de também cursos e palestras que sejam promovidos pelas escolas caso se haja condição de fazer isso); o professor deve trazer aos alunos competições de maneira saudável através da prática de atividade física para assim promover a disciplina; as escolas precisam reduzir o número de estudantes nas turmas para que o acompanhamento e intervenção do professor ao corrigir as dificuldades dos alunos seja mais objetiva; e que haja uma boa relação afetiva da família com o(a) filho(a) que possua o transtorno. Outra proposição elaborada por Silva et al. (2021), é a de se incluir na escola um profissional qualificado em educação especial, com o intuito deste organizar estratégias para a formação e capacitação contínua de professores, para que se elimine obstáculos na aprendizagem.

6 PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A atividade física proporciona efeitos positivos diretos na capacidade de aprendizagem em alunos com TDAH, através do estímulo a criatividade, a curiosidade a sociabilização, o conhecimento e desenvolvimento motor e cognitivo (GIACOMINI et al., 2006). Ademais, é evidente que as aulas de educação física escolar e a ação de professores em estimular os alunos “mais dispersos” em participar e interagir com outros estudantes em suas aulas é algo demasiadamente relevante, não só na vida acadêmica, mas na vida também fora dos muros da escola, no dia a dia do indivíduo que possui o transtorno, graças ao desenvolvimento cerebral estimulado e adquirido.

Roeder (1999) define que a atividade física é algo intrínseco na vida de todo indivíduo no aspecto biológico, comportamental e social, e esta pode atuar como agente preventivo da saúde mental. Ou seja, a atividade física tem papel primordial na melhora da qualidade de vida e no bem estar das pessoas, fazendo com que indivíduos que se exercitem mais regularmente se sintam mais felizes e por consequência “menos sufocados”. Deste modo, é relevante que jovens que possuam algum transtorno mental se sintam motivados a praticar exercícios físicos para que venham a apreciar os benefícios mencionados acima.

De modo geral, a atividade física no espaço escolar deve ser sempre inclusiva, beneficiando todos os alunos de maneira global, sejam eles deficientes físicos, psíquicos ou os que não possuam nenhuma deficiência ou transtorno, nunca excluindo todos de participarem das atividades realizadas, para que os mesmos consigam ter uma melhora na sua autoestima, no seu desempenho acadêmico, familiar e social (NALDONI, 2014).

Sobre os professores de educação física, Giacomini et al. (2006) lembra que, estes são importantes conexões dos jovens com TDAH por conta de suas frustrações, ansiedade, conquistas, superação e vitórias. Desse modo, dos vários objetivos presentes na Educação Física em conexão a estudantes com TDAH, se sobressai a melhora da autoestima, que possibilita aos alunos ampliarem sua confiança e sua satisfação, por suas proezas e contribuições. Silva et al. (2021) acrescenta como ponto positivo que a prática regular de atividade física ajuda os estudantes com TDAH a terem melhor concentração e diminuição do stress, já que a mesma é como um “meio de escape” popularmente aceitável para estes jovens gastarem sua energia acumulada.

Silva Junior et al. (2013) cita que um entre os diversos objetivos da Educação Física Escolar, quando se fala em relação a alunos que possuem TDAH é a melhora de sua confiança e autoestima causada pela competição que há presente nas práticas de atividades físicas, e a

conquista de vitórias ao fim dessas atividades. Para isso, o professor deve se atentar a desenvolver aspectos afetivos-cognitivos dos jovens, pois deste modo, a relação interpessoal entre professor e aluno, e entre aluno e aluno irá fornecer confiança, e conseqüentemente, melhor precisão para a realização das atividades realizadas em aula (SILVA, 2014).

Esses fatores citados acima, como a autoestima e a confiança, são importantes para o bem estar psicológico dos indivíduos com TDAH. Para Roeder (1999), o bem estar psicológico trata-se da dominância de ações e pensamentos positivos sobre os negativos, representados pelos sentimentos de felicidade e satisfação em apreciar a vida, além do quesito saúde física e fisiológica, somado a falta de ansiedade, depressão e estresse cotidiano, agregado a prática regular de atividades físicas.

Com isso mencionado, o professor de educação física escolar tem papel fundamental no desenvolvimento de vida dos estudantes, pois seu trabalho não é apenas fazer algumas atividades ginásticas ou esportivas sem objetivo algum. É bem mais do que isso. Trata-se do aprimoramento de movimentos e de conhecimento que o indivíduo possui de sua comunicação corporal e de sua motricidade (NALDONI, 2014).

Cabe ao docente também entre suas funções: proporcionar o aprendizado dos estudantes com TDAH sem comprometer os outros estudantes; dialogar com familiares desses alunos e com profissionais de saúde sobre o caso e pedir apoio destes e da instituição escolar, quando preciso; utilizar de métodos que forneçam melhor aprendizado desses alunos; sugerir técnicas que facilitem o estudo para os seus alunos conseguirem utilizar tanto em sala quanto em casa; prevenir-se de ambientes com incômodos sonoros e de excessivos estímulos visuais na escola, para não atrapalhar os discentes durante as aulas; evitar textos com enunciados extensos que sejam tediosos para os alunos; corrigir os erros dos estudantes com TDAH com paciência, e elogiar e/ou recompensar os mesmos estudantes pelos seus acertos, já que estes – como um dos sintomas – possuem dificuldades em lidar com recompensas de longo prazo (ABDA, 2023).

No contexto escolar, a principal função do ambiente é a de proporcionar o avanço cognitivo e social dos jovens, através do convívio social dos estudantes uns com os outros, uma vez que a partir disso, estes começam a aprender as regras e estruturas que regem uma sociedade, na qual irão se encaixar em sua vida adulta (NALDONI, 2014). Todavia, sobre os professores, e gestores da escolas, ainda há a pouca vontade por parte de muitos deles em adaptar suas aulas para os alunos com o TDAH, pois alegam que isso se trata apenas de preguiça ou falta de vontade do aluno, muitas vezes passando eles de série automaticamente, mesmo que o aluno não tenha adquirido conhecimento o suficiente pra isso, para que assim “o problema” seja passado para outro professor (MENDES et al., 2006).

Mendes et al. (2006), sugere que para adequar as suas aulas aos alunos com o distúrbios, os docentes levem em consideração a realização de mudanças na metodologia, compreendendo erros do estudante, tentando fazer correções sobre seus erros através do diálogo, entendendo o ponto de vista da criança ou adolescente, e indicando maneiras de como podem acertar na próxima tentativa. É importante que se mantenha o respeito, a calma e a empatia ao ouvir o aluno, trocando ideias partindo de sua linha de raciocínio, e propondo soluções a partir da mesma.

Entre as diversas ideias elaboradas para a abordagem metodológica em alunos com TDAH, Rohde et al. (2000) propõe algumas sugestões que podem melhorar o aprendizado do estudante com TDAH na escola, como salas de aula com menos alunos, aplicar tarefas que não sejam muito longas e tediosas, colocar alunos com o transtorno nas primeiras cadeiras nas salas de aula e longe de janelas com vistas a locais movimentados, implementar a eles um atendimento cada vez mais individualizado, ajudar esses alunos com revisões de conteúdos constantemente, além de implementar estratégias que incluam a atividade física no processo de ensino/aprendizagem do discente.

Porém, no quesito da posição dos alunos com TDAH nas cadeiras numa sala de aula, temos que levar em consideração o comportamento individual deste estudante e a variação no transtorno que este apresenta, levando em conta que indivíduos que possuem o tipo hiperativo ou que possuem o tipo combinado, podem ficar bastante inquietos quando sentam nas primeiras cadeiras, visto que eles possam se sentir “pressionados” ou “sufocados” ao ficarem tão “presos” numa mesma posição. Naldoni (2014) em seu artigo ressalta que cada jovem com TDAH tem sua forma particular de aprender, e apenas um diálogo do mesmo com o professor fará com que este elabore a melhor estratégia de manter o estudante atento em sua aula, ajustando o ambiente da melhor maneira possível para o indivíduo que possui a condição já citada.

Piana et al. (2015) menciona em seu artigo que as escolas têm que enriquecer-se ainda mais em conhecimento científico e precisam se atualizar com base nisso para que seus professores e gestores aprendam a trabalhar com os jovens que possuam algum transtorno cognitivo. Ainda no mesmo texto, a autora propõe que a escola forneça capacitações aos professores através de palestras, minicursos, seminários e rodas de conversas que estimule o aprendizado destes sobre o tema, para que desse modo entendam como podem intervir para melhorar sua didática de sala para englobar esses estudantes, ao invés de afastá-los, fazendo com que desta maneira os estudantes com TDAH consigam alcançar o máximo de suas capacidades.

Além disso, o professor deve constantemente se atualizar e sempre está em busca de informações, sendo um permanente pesquisador de sua área, adquirindo uma gama de conhecimento prático e teórico sobre o tema, e correndo atrás de estratégias de ensino que possam tornar suas aulas inclusivas, se adequando a todos os alunos presentes em sua sala de aula apesar da pluralidade existente entre eles (NALDONI, 2014; PIANA et al., 2015).

Contudo, em seu artigo, Santos (2007) observou que grande parte dos novos professores se sentem inseguros e despreparados para trabalhar com os estudantes que tenham TDAH, já que além do pouco conteúdo que lhes é lecionado durante a graduação, muitos só ouviram “falarem por alto” sobre o assunto. Para mudar esse quadro, o autor sugere que os docentes universitários comentem mais sobre o tema em suas aulas.

Somado a isso, Piana et al. (2015) alude que uma grande parcela dos professores não se sentem aptos a trabalhar com os estudantes que possuam esse transtorno, pois além de que muitos docentes ainda não conhecem os principais sintomas que o mesmos apresentam, eles também não tem tanto acesso a cursos específicos sobre o tema, já que estes são bem escassos, e somado a isso, estes professores em grande parte das vezes não estudaram sobre o conteúdo de transtornos durante sua formação acadêmica com tanta profundidade, devido a graduação não fornecer disciplinas relacionadas ao tema.

Segundo Naldoni (2014), o governo federal até fornece cursos relacionados ao assunto, tanto de modo presencial e online, mas ainda existe uma má divulgação desses cursos para os docentes, por parte do ministério da educação, e com essa falta de informação necessária, muitos estudantes acabam sofrendo por seus professores não terem a oportunidade em conhecer como buscar estes cursos. Sites de instituições de apoio, como a ABDA, também fornecem cursos de capacitação e cartilhas informativas para docentes que se interessem em conhecer mais sobre o transtorno (ABDA, 2023).

Deste modo, estes professores por não conhecer sobre o distúrbio acabam rotulando os jovens de indisciplinados e/ou desobedientes, e com isso acabam deixando de lado estes em suas aulas, acarretando em atrasos no desenvolvimento educacional desses estudantes no futuro. Com isso dito, é importante que a equipe escolar venha a analisar melhor possíveis casos de TDAH entre estudantes, e encaminhe-os a profissionais mais capacitados em tratar dos mesmos.

Entretanto, de acordo com Mendes et al. (2006), as escolas de maneira geral ainda não estão preparadas para trabalhar com os jovens com o distúrbio. E se nas escolas particulares, mesmo com um grande acervo de profissionais como psicopedagogos, psicólogos, e outros profissionais capacitados, os pais e os alunos ainda encontram problemas no atendimento, nas escolas públicas a situação é muito mais precária. Além do fato de as turmas serem imensas

com 40 ou 50 alunos em média, ainda existe uma política de aprovação automática, que ocorre quando o estudante a todo custo é imposto a subir de série ao término do ano letivo, mesmo que não tenha obtido conhecimento aceitável sobre os conteúdos transmitidos em aula.

Hora et al. (2015) cita que é de grande importância que se realizem estudos com maiores detalhes metodológicos da constância do TDAH na sociedade, com o fim de se identificar fatores de risco e suas consequências na saúde pública, e deste modo a qualidade de vida das pessoas dê um salto significativo, utilizando-se de medidas assistencialistas e preventivas para se chegar a essa melhora.

Outro ponto, é que Vasconcelos et al. (2003) informa sobre a importância de se fazer questionários juntamente com pais e professores com objetivo de descobrir alunos que possivelmente tenham algum distúrbio neurológico, porquê a partir desses questionários, encontra-se também a suspeita de outras dificuldades que estão presentes na vida de estudantes que possuam o TDAH ou não. Em seu artigo, fora encontrado através da análise dos dados, que alguns discentes apresentavam situações como deficiência visual, distúrbio do sono, asma brônquica, epilepsia, e surdez moderada-grave.

Silva Junior et al. (2013) sugere que se faça um planejamento individual para verificar às áreas de distúrbio de aprendizagem em alunos, para que dessa maneira se possa focar nas capacidades dos mesmos e não nas suas dificuldades, de modo que assim, através da avaliação e readaptação de abordagens, surjam melhores resultados.

7 SOBRE A ABORDAGEM METODOLÓGICA UTILIZADA PELO PROFESSOR

Santos (2019) considera que condiz ao professor escolher a abordagem pedagógica que ele irá utilizar para conseguir atrair um melhor foco dos alunos com TDAH, e ajudá-los a adquirir o conhecimento sobre o conteúdo ao qual esteja querendo transmitir. Deste modo, leva-se em consideração o ambiente em que o professor e aluno estão situados, o material disponível, o tempo de duração da aula, a quantidade de aulas para se aplicar aquele tema, dentre outras condições.

Contudo, a autora ainda acredita que é recomendado a utilização da ludicidade ao trabalhar com estudantes com TDAH para se estimular o seu aprendizado, e que ademais é importante que se crie estratégias com fim de promover um ensino de qualidade. Para isso, o professor deve empenhar-se juntamente com os pais desses alunos e os profissionais de saúde que os acompanham, com o propósito de alcançar um maior processo de ensino aprendizagem (SANTOS, 2019).

É de suma importância uma maior presença dos pais dos estudantes no cotidiano escolar destes, porquê só através da conversa entre pais e professores se adquire conhecimento do que acontece no dia a dia do estudante, e assim, dá pra se pensar em maneiras de como aprimorar o processo de ensino/aprendizagem, usando por base princípios constitucionais, garantindo aulas cada vez mais inclusivas (PIANA et al., 2015; SILVA et al., 2021). Com isso dito, os professores e gestores precisam encontrar maneiras de convencer os pais desses estudantes de estarem mais presentes na vida escolar de seus filhos, para que quando necessário, estes pais conheçam os direitos que os seus filhos têm ao solicitar um atendimento especial a alguma instituição de ensino.

Quanto a questão de quais atividades são mais efetivas para utilização, com o intuito de facilitar o aprendizado de estudantes com TDAH, ainda existe uma divergência entre os autores na utilização de jogos cooperativos ou de jogos competitivos, durante as aulas de educação física. Isso ocorre por conta dos benefícios que ambas as modalidades proporcionam sobre o aluno. Enquanto que ambas podem estimular a socialização e trabalho em equipe, a primeira “protege” o aluno do medo de errar e/ou fracassar numa tarefa, e a segunda o desafia a extrair o melhor de seu potencial na realização da mesma. Silva (2014) argumenta que as atividades devem ser realizadas de forma atrativa, pois desse modo, os jovens estarão atentos e dispostos a participar, buscando formas de solucionar as tarefas pedidas pelo professor durante a aula.

Giacomini et al. (2006) propõe aos professores darem aulas em ambientes mais calmos o possível para que se diminua o fator da distratibilidade nesses alunos, estimular a pratica de

jogos cooperativos em relação aos competitivos, utilizar-se de regras e instruções devidamente descritas antes da realização das atividades, trazer com maior frequência possível atividades inovadoras, e recapitular ações motoras das mais simples até as mais complexas, avançando aos poucos o grau de dificuldade.

Já em relação a atividades a serem trabalhadas, Naldoni (2014) sugere atividades que sejam de caráter lúdico e não competitivo, que tenham ênfase no desenvolvimento motor, equilíbrio e no condicionamento físico, uma vez que essas capacidades demandam de bastante atenção e energia do estudante, fazendo com o que o mesmo mantenha-se atento. Além do mais, é acrescentado que deve-se criar estratégias de adaptação e superação de obstáculos do simples ao mais complexo, ao ponto de vista do jovem, possibilitando que assim o aluno com o transtorno consiga aprender com seus fracassos e desenvolva melhor a sua personalidade.

Silva (2003), comenta sobre a dificuldade de que jovens com TDAH tem de seguir regras de brincadeiras, e de se comportar em brincadeiras individuais, já que estes indivíduos possuem dificuldade em esperar calmamente sua vez, e deste modo, atrapalham outras crianças ou adolescentes que estão participando da atividade, passando afrente deles quando ainda não é chegada sua vez, ou tentando alterar as regras da brincadeira, e em outras vezes acabam se entediando e dispersando quando chega à sua vez de participar.

Junto a mesma ideia, ABDA (2023) acrescenta que os jovens com o distúrbio tem dificuldades em focar em atividades de longa duração e/ou de repetições contínuas, se distraem com estímulos visuais e/ou sonoros externos e com pensamentos internos, e apenas se mantem atentos em ações interessantes para eles simplesmente por causa da zona responsável por hormônios que trazem sensação de recompensa e prazer do seu cérebro ser ativada nesse momento.

Silva (2003), comenta ainda sobre a comum afinidade do indivíduo com TDAH com a prática de esportes radicais (hábito até mesmo comum em adultos), graças a sua hiperatividade motora, seu hiperfoco e sua vontade intensa em estar sempre buscando emoções e estímulos. Esse hiperfoco também é comumente ativado na utilização de jogos eletrônicos, atividades lúdicas motoras e atividades competitivas, pela dinamicidade presente nestas.

Giacomini et al. (2006) acredita que é possível indivíduos que possuam TDAH venham eventualmente adquirir destaque em áreas a que tenha interesse, seja no âmbito das artes, ciências, músicas, danças, pinturas, literatura, entre outros, pois apesar das adversidades, há de se considerar a condição que eles apresentam de hiperconcentração. Logo, eles necessitam apenas de um impulso, uma ideia, um norteamento para serem capazes de enxergar para onde querem seguir e o que precisam fazer.

8 CONCLUSÃO

Cabe ao professor de educação física selecionar através do conteúdo aplicado e dos recursos de espaço e materiais disponíveis, quais atividades serão utilizadas e de qual forma elas serão aplicadas para que os seus alunos mantenham-se engajados em suas aulas e adquiram o melhor aprendizado possível em sua disciplina.

Uma ideia que poderia ir de complemento ao tema, seria a de um maior número de conversas da gestão, dos docentes e de psicólogos junto com os pais destes alunos, através de reuniões e encontros mais frequentes para haver um melhor diálogo de como o jovem está se comportando fora da escola, e de suas dificuldades que foram observadas dentro do ambiente escolar, com os objetivos de a equipe conscientizar os pais sobre os sintomas do jovem e seus efeitos, ao mesmo tempo em que a equipe conhece um pouco mais do dia a dia do estudante para entender o melhor modo de ajudá-lo a adquirir conhecimento.

Somando-se a esse ponto, seria o de se criar intervenções no contra turno escolar, com o professor utilizando-se de tarefas lúdicas e de didáticas mais específicas com a individualidade do aluno, com o fim de que este consiga interagir mais e realizar suas tarefas que estão atrasadas e que apresente dificuldade em executá-las.

Uma terceira proposta para incluir os estudantes com TDAH durante as aulas e impulsionar o seu aprendizado para não ficar muito atrás dos demais, é a de se utilizar mais um professor durante as aulas, com este segundo sendo qualificado em educação especial, já que enquanto um docente ficará responsável para aplicar o conteúdo para todos, o outro ficará como suporte ao lado do aluno com o transtorno, comunicando-se e esclarecendo suas dúvidas e incentivando o mesmo a realizar suas atividades, utilizando-se de maneiras adaptativas e/ou dinâmicas para que o discente continue focado e interessado no conteúdo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Á. C.; NETO LOTUFO, F. A nova classificação americana para os transtornos mentais– o DSM-5. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 67-82, 2014.
- BRZOZOWSKI, F. S.; CAPONI, S. Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade: classificação e classificados. **Phisis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1165-1187, 2009.
- GIACOMINI, M. C. C.; GIACOMINI, O. Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade e educação física. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 11, n. 99, 2006.
- HORA, A. L. T. et al. A prevalência do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (tdah): uma revisão de literatura. **Psicologia**, Lisboa, v. 29, n. 2, p. 47-62, 2015.
- MENDES, C. D; RIBEIRO, C. A educação física e o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDA/H): um estudo para o profissional no espaço escolar. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 100, 2006.
- MOREIRA, S. C.; BARRETO, M. A. M. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: conhecendo para intervir. **Revista Práxis**, Volta Redonda – RJ, v. 1, n. 2, 2009.
- NALDONI, M. L. **O professor de educação física e os alunos com tdah**, 2014. TCC (Licenciatura em Educação Física) - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Muzambinho – MG, 2014.
- O QUE É TDAH. In: Associação Brasileira do Déficit de Atenção. [s. l.]:ABDA, [200-]. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 21 abr. 2023.
- PEREIRA, H. S.; ARAÚJO, A. P. Q. C.; MATTOS, P. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): aspectos relacionados à comorbidade com distúrbios da atividade motora. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 5, p. 391-402, 2005.
- PIANA, A.; BAGNARA, I. C. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade nas aulas de educação física. **Revista de educação do ideal**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 22, Jul/Dez 2015.
- QUADRO CLÍNICO. In: Associação Brasileira do Déficit de Atenção. [s. l.]:ABDA, [200-]. Disponível em: <https://tdah.org.br/quadro-clinico/> . Acesso em: 21 abr. 2023.
- ROEDER, M. A. Benefícios da atividade física em pessoas com transtornos mentais. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 62-76, 1999.
- ROHDE, L. A. et al. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 07-11, 2000.
- SANTOS, A. S.; SANTOS, S. A. O. Abordagem lúdica na educação infantil em crianças com transtorno e déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). **Revista científica eletrônica de ciências aplicadas da fait**, Itapeva – SP, v. 9, n. 1, dezembro, 2019.

SANTOS, D. T. A formação do professor de educação física para o trato com alunos portadores do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. **Lecturas: Educación física y deportes**, Buenos Aires, n. 114, p. 14, 2007.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas**. São Paulo: Gente, 2003.

SILVA JÚNIOR, J. D.; SILVA, J. L.; COSTA, L. T. Educação física e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: um olhar no contexto escolar. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 65-77, 2013.

SILVA, S. B. et al. Relevância do profissional da educação física no tratamento e desenvolvimento do processo de aprendizagem cognitiva em escolares com tdah. **Revista Saberes Docentes**, Juína – MT, v. 6, n. 11, 2021.

SILVA, S. B.; DIAS, M. A. D. TDAH na escola estratégias de metodologia para o professor trabalhar em sala de aula. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop – MT, v. 5, n. 4, p. 105-114, 2014.

SOUZA, C. S. M.; VERAS, P. R. M.; SANTOS, L. C. Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade: Intervenções pedagógicas. **Conjecturas**, [s. l.], v. 22, n. 6, p. 983-1001, 2022.

VASCONCELOS, M. M. et al. Prevalência do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade numa escola pública primária. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 61, p. 67-73, 2003.